

**Autor: Fábio P. Mezzadri**

**Data: 28/12/2005**

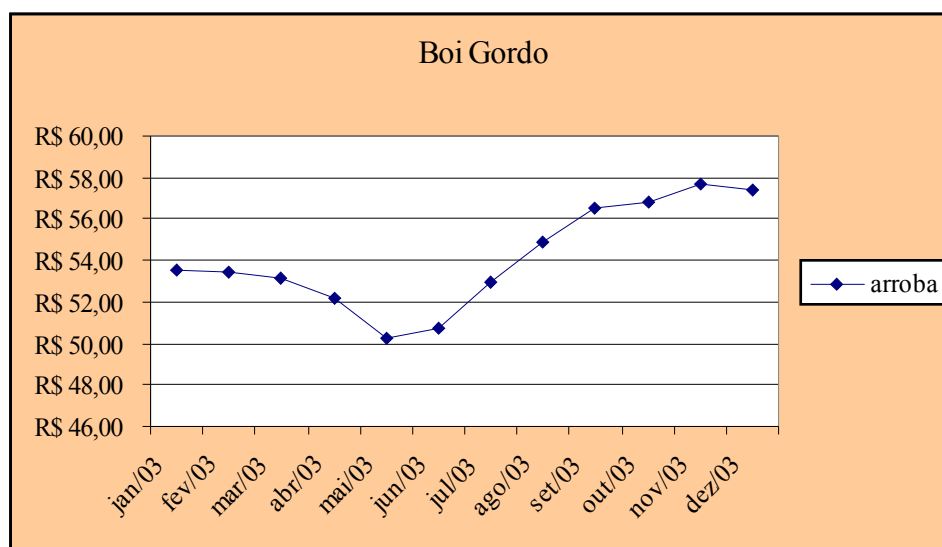
**Pecuária de Corte Paranaense**

**Análise Conjuntural Comparativa entre os anos de 2003, 2004 e 2005, baseada nos preços da Arroba do Boi Gordo**

**Evolução dos Abates e Exportações**

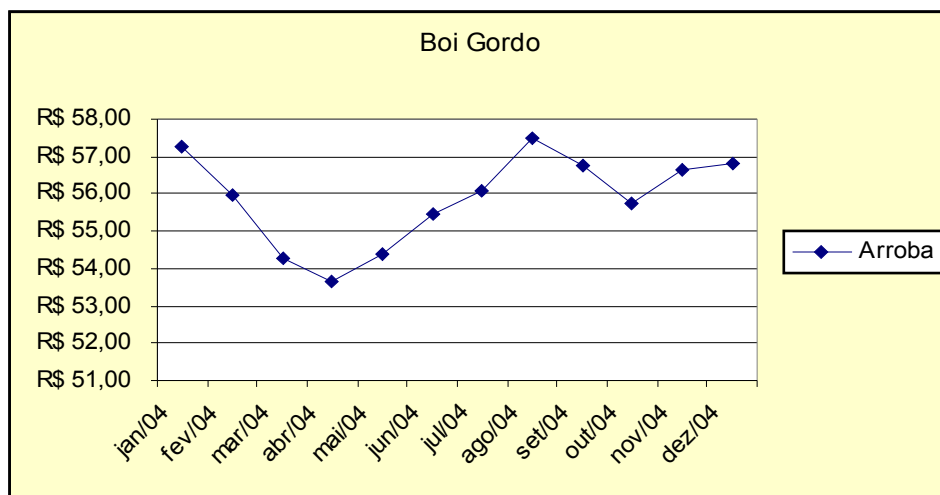
**Breve Prognóstico para o Ano de 2006**

*Preços da Arroba do Boi Gordo Jan a Dez / Ano 2003*



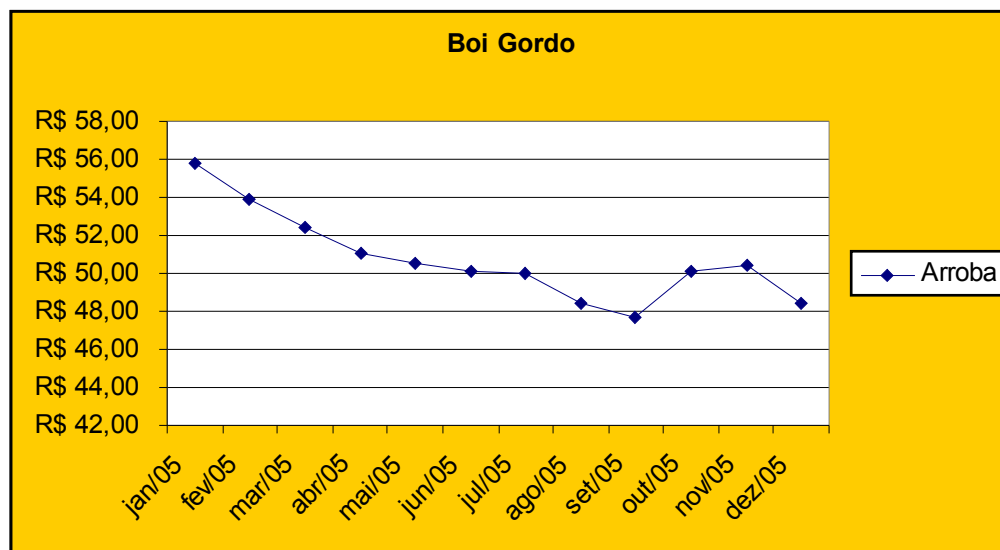
Fonte: SEAB/DERAL/DEB - 2003

### Preços da Arroba do Boi Gordo Jan a Dez / Ano 2004



Fonte: SEAB/DERAL/DEB - 2004

### Preços da Arroba do Boi Gordo Jan a Dez / Ano 2005



Fonte: SEAB/DERAL/DEB - 2005

Nos dois primeiros meses do ano de 2003, os preços da arroba do boi gordo mantiveram-se estáveis. No mês de março, iniciou-se uma queda, que persistiu até maio, quando se esboçou uma reação dos preços, que se elevaram até novembro, apresentando queda insignificante no último mês do ano.

Em 2004, os preços começaram a cair a partir de janeiro e continuaram decrescendo até abril. Em maio, o valor da arroba se elevou e persistiu subindo até agosto, mostrando uma pequena queda no mês de setembro, situação que se acentuou no mês de outubro, reagindo no mês de novembro e terminando o ano no patamar de R\$56,84@.

O ano de 2005, iniciou janeiro com a cotação 2,6% abaixo do que foi registrado no mesmo período de 2004 e no mês de fevereiro o preço da arroba caiu ainda mais 3,2% em relação ao mês anterior, e continuou em decréscimo ao longo do ano.

No Paraná, a maior parte dos produtores começa a desovar seus rebanhos, nos meses que antecedem o inverno e durante a estação, com a intenção de diminuir a lotação das pastagens, evitando a perda excessiva de peso dos animais durante a entressafra (inverno). Esta prática ocasiona uma grande oferta de animais no mercado, nessas épocas, com conseqüente queda no preço da arroba. Passado este período crítico, com a chegada da primavera e com a renovação e restabelecimento das pastagens, os pecuaristas passam a segurar seus animais no campo, diminuindo a oferta de animais no mercado, fazendo com que os preços da arroba se elevem.

O panorama descrito, faz parte do retrato geral do Estado, sendo que em algumas regiões o comportamento do mercado é diferente, como é o caso da região Sul, onde os pecuaristas mantêm seus animais durante o inverno, aproveitando ainda a época, para engordá-los em pastagens de clima temperado (aveia e azevém). Neste caso, a oferta diminui substancialmente durante a entressafra, quando ocorre a elevação dos preços, voltando a normalizar-se ao fim da estação fria, quando começam a entrar em escalas de abate os animais terminados em pastagens cultivadas.

O ano de 2004, foi um ano atípico na pecuária paranaense. Pecuaristas tanto ao Norte, quanto ao Sul do Estado, abateram mais animais devido principalmente a dois fatores: a prolongada estiagem nos meses de inverno, que fez com que diminuísse a produtividade das pastagens cultivadas ou nativas, e a necessidade de desocupar áreas preenchidas pelo gado para o cultivo de cereais, principalmente o soja, fato que também marcou o alto nível de abate de matrizes, chegando em algumas praças a níveis de 49%. A situação apresentada, ocasionou em 2004, a queda dos preços da arroba a partir do mês de fevereiro, porém, nos últimos meses do ano, os preços reagiram, devido a queda nas ofertas de animais e a crescente demanda ocasionada pela proximidade das festas de final de ano.

Entretanto, o ano 2005 inicia-se totalmente atípico para a pecuária de corte paranaense. A média estadual da arroba do boi gordo no mês de janeiro, é cotada a R\$ 55,93, valor já bastante reduzido para a época, e os valores permanecem em decadência mês a mês, alcançando no mês de setembro, uma das mais baixas cotações observadas nos últimos anos. O principal fator que ocasionou esta queda até o citado mês, foi a intensa e prolongada estiagem que atingiu o Paraná, principalmente nos meses de março e abril, o que fez com que se reduzissem significativamente as pastagens, forçando os pecuaristas a descartarem animais em excesso, inclusive matrizes, onde o índice dos abates, nesta categoria chega a 50%. Em situação normal, os projetos de abate de matrizes geralmente não ultrapassam 10% a 20%.

Outro fator que leva os produtores a descartarem grandes quantidades de animais, é a baixa rentabilidade atual da atividade. Segundo, o presidente do Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte da CNA, Antenor Nogueira, a pecuária de corte já entra no terceiro ano consecutivo de perda de renda, num longo processo de elevação de custos e queda dos preços pagos ao produtor rural. Um estudo realizado pela CNA e Cepea, mostra que, no período entre janeiro a março, o valor pago ao criador de gado caiu 6,71%, sendo que no mesmo período, os Custos Operacionais Totais (COT) com a atividade subiram 0,81%. Ainda de acordo com Nogueira, os resultados do crescimento das exportações, da recuperação dos preços internacionais da carne bovina e do consumo interno não estão sendo repassados aos pecuaristas.

Entre outras, mais uma variável estimula o grande abate de matrizes. A atual e difícil situação da atividade de cria, devido à queda no preço do bezerro na ordem de 10% a 20%, dependendo da praça, fato que gerou insatisfação geral, por parte de muitos pecuaristas, que desenvolviam esta atividade, fazendo com que muitos saíssem do mercado, abatendo suas matrizes.

Lamentavelmente, o Estado do Paraná, que já vinha até então enfrentando problemas relacionados à cadeia produtiva e baixos preços, assim como o restante do país, foi submetido a um fato totalmente inesperado e atípico, que aconteceu no dia 10/10/05, quando o Paraná foi notificado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), sobre um foco de febre aftosa, localizado em uma propriedade no município de Eldorado no Mato Grosso do Sul, localizado a 25 Km da fronteira paranaense. A partir daí o Estado intensificou o trabalho de vigilância sanitária e instalação de barreiras nas fronteiras e já começa a sofrer restrições comerciais e prejuízos devido à proximidade do foco, situação que se agrava com a suspeita clínica da enfermidade em propriedades localizadas em quatro municípios no Estado do Paraná. Esta situação redobrou o trabalho de defesa sanitária no estado e desencadeou uma série de acontecimentos como: embargos, restrições comerciais, imposição de barreiras, paralisação de empresas frigoríficas, demissão de trabalhadores em unidades de abates e redução de até 50% em muitos abatedouros em todo o estado. As suspeitas não foram confirmadas, a situação tornou-se muito polêmica e as negociações com o MAPA estende-se até hoje.

O fato é que a simples suspeita da enfermidade vesicular, ocasionou restrições comerciais, como embargos de importantes países importadores da carne paranaense, fator que ocasionou a diminuição do interesse de compra de animais pelas empresas frigoríficas, as quais também perderam seus canais de comercialização da carne, ocasionando como consequência o aumento da oferta de bovinos no mercado interno, fatores que inevitavelmente forçaram a redução dos preços que deveriam reagir nos últimos meses do ano, sendo que a média estimada da cotação da arroba do boi gordo no mês de dezembro de 2005 é de R\$ 48,47, marcando queda em 14% em relação ao mês de janeiro do mesmo ano, e, as perspectivas de recuperação dos preços não são animadoras a curto prazo.

## ***Relação de Troca no Estado do Paraná***

A lucratividade da pecuária de corte, no ano de 2005 esteve claramente prejudicada, pelo aumento dos custos de produção, gerado principalmente pela alta no preço dos insumos (medicamentos, sal mineral, etc...). Outro fator interveniente foi a queda nos preços da arroba, devido ao excesso de oferta e nos últimos meses do ano, a crise gerada pela febre aftosa. Todavia as relações de troca mantiveram-se condizentes com a realidade dos preços e sustentaram a atividade, mesmo com margens de lucro mais baixas.

Tendo como base os preços médios da arroba do boi gordo e do boi magro para engorda no Estado do Paraná, no período de 19/12/2005 a 23/12/2005 e levando-se em conta os preços médios do bezerro ao longo do ano, podemos realizar alguns cálculos que nos demonstram as relações de troca no Estado.

### ***Cotações – 19/12/2005 a 23/12/2005***

Preço da arroba do boi gordo (média estadual) – R\$ 47,95

Preço do boi magro para engorda (média estadual) – R\$ 508,43 (cabeça)

Preço médio do bezerro (média no ano) – R\$ 320,00 (cabeça)

Levando-se em conta, o valor de um boi gordo de 16@ de peso de carcaça, vendido ao preço médio de R\$ 47,95 a arroba, a um valor total de R\$ 767,2, chegamos a conclusão de que com a venda de 1 boi gordo de 16@, é possível adquirir 1,5 *boi magro p/engorda* ou 2,3 *bezerras*. Sobre estes aspectos, concluímos que na atual conjuntura, devido ao baixo preço da cria (bezerro), torna-se interessante, ao pecuarista que possui condições, desenvolver a atividade de recria e engorda, aproveitando as baixas cotações do bezerro, situação que não deverá perdurar ao longo do ano de 2006, já que as previsões indicam a recuperação dos preços para a atividade de cria a médio prazo.

## ***Situação Atual dos Embargos e Causas Econômicas***

Atualmente no Paraná, três empresas frigoríficas exportam carne bovina. Estas empresas sofreram embargos de quase todos os países compradores. Somente Hong-Kong, Cingapura e Líbano, estão mantendo as compras, principalmente de miúdos (produtos que passam por tratamento térmico).

Estes frigoríficos reduziram em mais de 50% o volume de animais abatidos e estão sendo obrigados a realizarem demissões.

## ***Prognóstico para o Ano de 2006***

A situação da pecuária de corte e do comércio de carnes, deverá permanecer fora da normalidade, não só no Estado do Paraná, mas em todo o País e no Mundo, enquanto durarem os embargos interestaduais e internacionais, gerados pelos casos e suspeitas de casos de Febre Aftosa.

No Paraná, devido a suspeita de focos, as relações comerciais, no mínimo, poderão ser normalizadas no prazo de seis meses segundo normas da OIE, sendo que durante esse período provavelmente terão de ser definidas estratégias de comercialização, que minimizem o prejuízo dos produtores e da receita estadual com as exportações do produto. Porém, a perda de importantes mercados externos, que pagam bons preços pela carne brasileira, certamente irá gerar ainda mais prejuízos e o aumento da oferta interna do produto, deverá estabilizar o preço da arroba em patamares baixos. Sobre este aspecto não são otimistas as previsões na melhoria da remuneração dos pecuaristas a curto prazo. O excessivo abate de matrizes que vem ocorrendo desde o começo do ano de 2004, gera uma necessidade de reposição de rebanhos, em função desse fato a atividade de cria deverá ser melhor remunerada a partir do segundo semestre de 2006, com elevação do preço do bezerro.

Porém apesar dos fatos, o Brasil deverá encerrar 2005, pelo terceiro ano consecutivo, como líder mundial nas exportações de carne bovina, com vendas de US\$ 3 bilhões para o mercado internacional. Segundo a CNA, as vendas para o exterior, nos últimos 12 meses, incluindo novembro, seguindo o conceito de “equivalente carcaça”, somam US\$ 3 bilhões, 25,13% superior aos US\$ 2,4 bilhões registrados entre dezembro de 2003 e novembro de 2004. O embargo de vários países à compra de carne bovina brasileira, em virtude da febre aftosa em municípios do sul de Mato Grosso do Sul, em outubro, não impediu que os contratos de exportação fossem cumpridos. Os estados impedidos de exportar redirecionaram sua produção para o mercado doméstico e outras unidades da Federação estão atendendo a demanda exterior.

Segundo o Presidente da Abiec, Marcus Vinicius Pratini de Moraes, mesmo enfrentando as dificuldades decorrentes do surto de febre aftosa, a pecuária brasileira deverá obter saldo favorável no comércio exterior no próximo ano. Os embarques de carne poderão render US\$ 3,62 bilhões, valor 15% mais elevado que o alcançado neste ano, com um volume 10% maior. O ganho em receita deverá ser resultado da maior agregação de valor ao produto, prevê, o presidente da Abiec.

A agregação de valor citada, deverá ser proveniente de uma maior exportação de carnes industrializadas, produto aceito por diversas nações que restringem somente carnes congeladas “in natura”.

Portanto, apesar dos sérios problemas em todos os elos da cadeia produtiva, gerados pela febre aftosa, as perspectivas de melhoria de preços e reconquista de mercados, devem ser animadoras, e devemos lembrar que se necessitamos vender nosso gado e nossos produtos provenientes da pecuária, o mundo necessita ainda mais da carne brasileira e paranaense, e caso as restrições comerciais se estendam por períodos ainda maiores, mais graves serão as

conseqüências. Comprova este prognóstico, a elevação dos preços da carne na Europa em 20% desde que foram efetivados os embargos às carnes brasileiras.

### ***Evolução dos Abates de Bovinos no Estado do Paraná***

<b>ABATE DE BOVINOS COM INSPEÇÃO FEDERAL NO PARANÁ (Ano 2004)</b>	
dado: número de cabeças	
mês	quantidade
JAN	84.466
FEV	84.260
MAR	105.066
ABR	103.639
MAI	114.658
JUN	128.883
JUL	107.106
AGO	110.401
SET	120.513
OUT	123.657
NOV	119.866
DEZ	90.720
<b>TOTAL</b>	<b>1.293.235</b>

<b>ABATE DE BOVINOS COM INSPEÇÃO FEDERAL NO PARANÁ (Ano 2005)</b>	
dado: número de cabeças	
mês	quantidade
JAN	82.348
FEV	89.521
MAR	124.437
ABR	132.246
MAI	133.407
JUN	128.770
JUL	120.545
AGO	127.366
SET	120.970
OUT	104.992
NOV	0
DEZ	0
<b>TOTAL</b>	<b>1.059.610</b>

Última atualização 21/10/2005  
Por SINDICARNE

Fonte: DFA-MA/PR e empresas

Na tabela acima, pode ser observado o comportamento das escalas de abate em relação aos anos de 2004 e 2005 e em relação aos meses dentro do mesmo ano. Entre os anos podemos observar que no ano de 2005, somente nos meses de janeiro, junho e outubro, foram abatidos menos animais que nos mesmos meses do ano de 2004, sendo que apesar de 2005 ser um ano marcado por quedas nas cotações da arroba, os pecuaristas continuaram comercializando seus animais.

No ano de 2005, entre a maioria dos meses, ocorreu evolução no número de animais abatidos, entretanto entre os meses de maio e junho, junho e julho e agosto e setembro ocorreu regressão respectivamente em -3,48%, -6,39% e -5,02%, no número de abates. Todavia, a maior queda observada foi entre os meses de

setembro e outubro (-13,21%), fato ocorrido devido ao aparecimento do primeiro foco da febre aftosa no Mato Grosso do Sul, ocasionando grande redução dos abates no mês de outubro.

### ***Evolução das Exportações de Carnes Bovina no Estado do Paraná***

<b><i>Exportações Paranaenses de Carnes Bovina – 1º semestre 2005-2004</i></b>				
<b><i>Carnes</i></b>	<b><i>2005</i></b>		<b><i>2004</i></b>	
	<i>US\$ mil FOB</i>	<i>Toneladas</i>	<i>US\$ mil FOB</i>	<i>Toneladas</i>
Bovina “in natura”	37.689	19.520	31.742	14.263
Bovina “industrializada”	10.682	2.017	16.847	4.127

Fonte:MDIC/SECEX

Se observarmos a soma dos valores, podemos concluir que no ano de 2004, vendemos uma menor quantidade de carne ao mercado externo e obtivemos maior receita que no ano de 2005, embora a diferença tenha sido mínima. Entretanto em 2005, enviamos 15% a mais de carnes ao exterior, para obtermos quase igual receita do ano de 2004.

Esta situação, deveu-se à queda do câmbio para a exportação, ou seja, a carne brasileira em 2005, foi vendida mais barata ao mercado externo.

*Fábio P. Mezzadri*  
*Médico Veterinário*  
*SEAB-DERAL-DCA*  
*E-MAIL: fmezzadri@seab.pr.gov.br*